

# Leilão reduz a dívida em US\$ 186 milhões

por Maria Christina Carvalho  
de São Paulo

A dívida externa brasileira diminuiu ontem em US\$ 186,5 milhões, após o 1º Leilão de Deságio para a Conversão da Dívida Externa em Capital de Risco, realizado na bolsa do Rio. Todos os US\$ 150 milhões oferecidos nesse primeiro leilão foram arrematados; mas o valor abatido da dívida é maior, pois inclui também a parcela referente ao deságio.

A disputa concentrou-se na primeira etapa do leilão, que durou duas horas e trinta minutos, quando foram arrematados os US\$ 75 milhões da área livre, para o investimento direto como capital de risco em empresas e para a compra de ações no mercado secundário pelos fundos de conversão. US\$ 73 milhões foram leiloados com o deságio de 27% e US\$ 2 milhões com 26,5%, por quinze corretoras.

A segunda etapa do leilão

foi bem mais rápida: em apenas 35 minutos foram arrematados por 8 corretoras os US\$ 75 milhões destinados às áreas incentivadas (Norte, Nordeste, Vale do Jequitinhonha e Espírito Santo), com deságio de 10,5%.

Arnoldo Wald, presidente da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), resumiu a postura das autoridades presentes, inclusive do Banco Central (BC), ao dizer que o primeiro leilão "foi um grande sucesso", relata ao repórter Coriolano Gatto.

Mas nem por isso Wald deixou de reconhecer que o deságio para as áreas incentivadas (10,5%) foi muito baixo. No segundo leilão simulado, os recursos para essas regiões tinham sido arrematados por 17,5%. Olímpio Ferreira de Almeida, chefe do Departamento de Fiscalização e Registro de Capitais do BC, o Firce, justificou a taxa de desconto baixa, dizendo que a conversão nas áreas incentiva-

das só pode ser feita para a constituição de um projeto novo ou para a expansão de empreendimento já existente; já nas áreas livres, o investimento pode ser também destinado à ampliação do capital de uma empresa constituída.

No balanço do primeiro leilão feito pelas autoridades, um ponto em comum foi a necessidade de pequenos ajustes no mecanismo. Um deles é reduzir o tempo de duração da disputa. Embora esse primeiro leilão tenha demorado três horas e cinco minutos — bem menos do que as previsões de até seis horas feitas pelo leiloeiro Danilo Ferreira —, o processo foi considerado moroso.

Arnim Lore, diretor da Área Externa do BC, informou que entrará em contato com as bolsas de valores para acelerar o tempo de duração dos próximos leilões.

Uma das medidas que podem ser adotadas, adiantou, seria a fixação de um patamar mínimo de deságio, o que foi evitado neste primeiro leilão pela dificuldade de se estimar o interesse que a conversão despertaria.

Das quinze propostas vencedoras na etapa do leilão destinada às áreas livres, oito foram feitas por corretoras que têm fundos de conversão. Isso levou o presidente da Bolsa de Valores do Rio, Sérgio Barcellos, a estimar para a editora Ana Lúcia Magalhães que 30% dos recursos convertidos nesse segmento poderão destinar-se aos fundos de conversão, o que representaria o ingresso de US\$ 22,5 milhões nas bolsas brasileiras.

A grande vencedora do leilão foi a corretora Guilder (ex-Fidesa), ligada ao holandês NMB Bank, que levou líquidos US\$ 17,333 milhões para a área livre e US\$ 6,2 milhões para a incentivada, somando US\$ 23,533 milhões. Eduardo Filinto da Silva, diretor-vice-presidente da Guilder, informou que os recursos da área livre serão destinados em parte ao fundo de conversão da instituição (Guilder/NMB Bank) e em parte à conversão direta em projetos nas áreas de construção civil e hotelaria e de filiais de multinacionais, evitando especificá-los.